

O *tertius gaudens* salta do muro para a campanha



Por **LUIZ ROBERTO ALVES***

A elite elegeu o mal maior da república; agora busca a terceira via mantendo o fetiche liberal que a enriquece

O poder econômico brasileiro que se afirma derrubador de muro botou o pescoço para fora e assumiu a busca da terceira via eleitoral. Nem o capitão, nem Lula para 2022. Não é todo o poder, pois grande parte deste sempre ficou no muro da Casa Grande no aguardo de parasitar o senhorio da vez. Agora, consta que se abriram brechas e esta parte do poder abre seus lances. Não sem inteligência ou um discurso que tende à coerência ao seu modo, isto é, manter o fetiche liberal que o enriquece e, nem de longe, considerar que os humilhados e ofendidos seculares devem vir em primeiro lugar na fila dos direitos. Quem sabe a campanha poderá ser baseada em estudos e análises. Mas antes cabe cassar a sinistra figura do Planalto. Urgente.

No momento em que o discurso bipolar do Lula-ladrão se homizia nas mentes perturbadas, pois o cortejo regular da justiça desenrola processos e vê com mais dignidade o verso e o reverso das tramas de Moro & Cia, os novos *pentiti* (como se deu na Itália) também surgem para não guardar tantos remorsos oriundos da patifaria linguística que levou o ex-presidente à prisão vicária, em cujo vazio os disturbados-ferozes e a legião (no sentido bíblico) econômica agora mutante elegeram o mal maior da república.

Seria bom, a partir de agora, que certa assessoria do PT, sempre mais realista do que o rei, não se desgastasse dando respostas às elites empresariais escapadas do muro, pois terão muito trabalho e o tempo-espço deles é bem distinto da vida de um partido que já contou com Apolônio de Carvalho, Paulo Freire, Chico Mendes, juventudes e núcleos de base, certamente antes da ideia bufa e circunscrita aos “capas-pretas” (como diziam meus amigos operários) de ficar no poder por dezenas de anos.

Já há enunciações do caminho dos ex-murados. Incapazes de ir às ruas intensa e extensamente, amassar barro e perder o “caviar” simbólico (que seria atitude do *tertius iungens*), eles e elas dão longas entrevistas e escrevem bons textos formais, tentam rachar núcleos políticos e cooptá-los. O que lhes é impossível é compreender o Brasil real. No entanto, assim como as antigas elites que bateram no cravo e na ferradura do Estado Novo, que queimaram as pestanas nas velas das marchas pré-golpe de 1964, que transformaram a “cidadania” da Constituição 1988 em comedoria de lucros nas cidades e nos campos (e quase viajaram para invadir o Capitólio na sanha trumpista) também as novas elites bem-falantes não têm qualquer problema histórico. O que elas pensam se projeta sobre o que pensa o Brasil e um imediato efeito metonímico se realiza: elas são o Brasil, pois a parte enunciativa de um projeto se realiza como o enunciado de todo o país. Resolvido o problema! (embora nada acertado...). Carlos Guilherme Mota analisou bem essa projeção sob leitura cultural. Celso Furtado, Caio Prado, Dumas e outras pessoas sensíveis já mostraram tudo isso muito bem, embora os figurantes da imagem-brasil-total jamais tenham lido; e se o fizeram, não entenderam nada. Noutras palavras, essas elites do dinheiro e da posse não podem pensar nos humilhados e ofendidos porque estes últimos não existem; eles é que existem, desde a Colônia, ainda que alguns sejam jovens hoje. Eles são o Brasil. Eles se aproveitam do Brasil. Teremos de suportar seus discursos de suposta social-democracia novamente. E por mais de um ano, com a chance do presidencialismo decrépito que temos (que pensa ser realista sendo equilibrista) ainda lhes oferecer cargos, como se deu nos governos Lula e Dilma. Oxalá isso não se repita.

Deste modo, repetem seus métodos. Isso significa que propõem o *tertius gaudens*, que este colunista desenvolveu em texto

anterior, isto é: “situar-se no meio do processo eleitoral e encontrar brechas e fissuras nas candidaturas vigentes para, então, construir o prazer da vitória em benefício do *tertius gaudens*”. O suposto eleito-feliz deles não poderá ser alguém que pense estruturalmente (com o risco de entender o país!) e sim que estruture estratégias de impacto, como gosta de fazer o liberalismo. Talvez uma bolsa família incrementada faça parte das estratégias, bem como novas alucinações sobre ensino fundamental e médio e avanços culturais de ordem financeira para garantir o apoio de setores intelectuais.

A partir dos textos que tais grupos poderosos começaram a publicar na grande imprensa, Bolsonaro-Guedes-Mourão (e parte significativa da trupe) são a escória, o mal, a incompetência, a cavalgada de sempre. No entanto, por compensação, Lula é o inimigo da deusa-economia, o que é a mesma coisa que ser inimigo do Brasil em leitura daquela parte que se realiza como o todo. Se for necessário, essas elites exacerbarão em seu discurso. Para o mundo da ignorância galopante, farão simulações comparativas com o que não existe na realidade, isto é, o comunismo, o socialismo, a implantação de censura (mentiras ajudarão a demonizar uma necessária regulação participativa e transparente de todo o sistema midiático, inclusive o roubo de dados de milhões para negociatas pelas *big techs*), mais o fim do teto de gastos, o horror do aborto, a escola sem partido, a inflação e muito mais. Até o mensalão (qual deles?). Para o mundo intelectualizado e mais dividido, farão contas, discutirão o angelical agronegócio, farão armações com força técnica e tecnológica (quem sabe a cidadania digital e planetária), talvez encontrem defeitos no grupo “socialista” do Partido Democrata americano (*Brazil first*) e, especialmente, mostrarão as ameaças sindicalistas ao emprego da vasta juventude (será que foi o anjo Gabriel que desempregou os jovens?). Mais que tudo: trabalharão no sentido de naturalizar e normatizar o liberalismo e suas manhas, não as suas manhãs. Para essas elites (apesar de não termos tido um único momento histórico modernizador e liberal que de fato estivesse a serviço das maiorias empobrecidas) o liberalismo, com neos e treos, é uma entidade antropomórfica, uma espécie de rapagão bonito e sorridente que vem para jantar no sábado próximo e aproveita para pedir uma das filhas da família em noivado ou casamento. Natural, muito natural. Sartreanamente, o inferno são os outros. No entanto, poderão radicalizar, mas não terão direito a negar a ética universal de que tratou Paulo Freire. Mas eles não gostam nem um pouco do brilhante mestre, nosso centenário.

Este não é o tempo-espaço do PT. Ou do Cidadania, ou do Psol. O tempo do antigo partido nascido na rebeldia e nas conquistas que rumavam para a redemocratização é muito outro. É tempo de cultura organizacional de partido. Tempo de construção de memória, discussão renovada e inovadora das forças e, como pensaram Celso Furtado, Agnes Heller e Paulo Freire sistematicamente, ato contínuo ao sentimento de que a consciência individual pode se alinhar à força das consciências sociais em movimento no país (o que produzirá ampla consciência política), será possível quebrar a brutal desigualdade (que é simbólica antes de econômica) e, nessa onda duradoura, as forças culturais formadoras do mundo do trabalho abrirão as comportas da criatividade étnico-política da diversidade brasileira. Quebraremos o brutal liberalismo.

Nenhum novo processo virá da economia como fenômeno liberal, porque ela se empastelou no desastre do neoliberalismo e não lhe resta mais vocabulário criador, senão constatações do nada e de qualquer coisa. Repetições e patinações. Mas a criação pode vir do *oikonomos*, isto é, do cuidado preferencial dos humilhados e ofendidos dentro de uma revolução orçamentário-tributária. A morte dessa economia conhecida e panfletária (que se repete midiaticamente todos os dias e nos enfastia) não é o passamento de um outro modo de organizar valores sociais em nova chave de cultura política. Mas há exigência de novas inteligências e de buscas sustentadas pela história e pela geografia humana. Ir ao fundo do que pensaram Josué de Castro e Milton Santos, mediados pelos empates ecológicos de Chico Mendes. Aí já se terá uma política de governança. Não programa, nem plano, pois estes são atributos daquela. Mas a governança futura se enuncia no primeiro momento da feitura da política. Isso também é freireano.

Provavelmente haverá uma mistura de *tertius*, pois mesmo o Ciro Gomes se afirmará como um deles (provavelmente datenado), ainda que posto de lado por parte significativa dessas elites. Ciro só pode ser *tertius* de si mesmo, porque sua reconhecida inteligência e boas explicações sobre a realidade carregam, no entanto, a marca ostensiva do anacronismo e de uma mitologia individual que não reconhece o outro. Por isso ele participa de eleições com passagem comprada para algum curso breve em universidades importantes do mundo. Ou qualquer outra coisa. O problema é que ele se des-vota. É um ex-voto. Qualquer invenção enunciativa nele será o novo a exigir atitudes de Prometeu, se este não virar Sísifo. Mas, diga-se, fora a figura sinistra do Planalto, há inteligência no jogo eleitoral. As pessoas merecem respeito, que Ciro e as elites não têm para com Lula. E ele merece, tem direito histórico de ser respeitado e continua a ser a mais lúcida das pessoas a fazer política eleitoral no Brasil contemporâneo. Já foi acima de todas as medidas humanas o desrespeito para com D. Marisa.

a terra é redonda

Tomara, pois, que a campanha próximaseja de bom nível linguístico e ético, para que as crianças desta terra venham a ter o direito de entender que este não é o país da porrada e da sacanagem, pois mudar é possível.

Paulo Freire faria 100 anos nesse domingo 19 de setembro. De fato, sua energia completa o ciclo centenário e segue... Saudades do sempre mestre e amigo. Aquele que ousou pensar e dizer: "Eu gostaria muito, sabe, que um dia um homem, ou uma mulher, lá do fundo da sala de reunião, levantasse o braço e começasse a dizer: 'Olha pessoal, do ponto de vista epistemológico...' Um outro país. Outro tempo-espaco. Não o de hoje.

***Luiz Roberto Alves** é professor sênior da Escola de Comunicações e Artes da USP.

A Terra é Redonda